

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

O PERCURSO DE UMA ANÁLISE

Nilma Cavalcante de Souza Bittencourt

(Trabalho apresentado em 13 de novembro de 2015 na Jornada de Trabalho da Biblioteca Freudiana de Curitiba.)

Meu trabalho é sobre o seminário XV de Lacan chamado “O ato psicanalítico” que foi interrompido em solidariedade ao movimento estudantil de maio de 1968 e é contemporâneo da elaboração de Lacan da instalação do procedimento do passe.

Relativo a temática da formação do psicanalista, Lacan diz, no trabalho intitulado “Sobre o passe” de 1975, que não há formação do analista, mas apenas formações do inconsciente. E nos indaga se o analista é uma formação do inconsciente, no que as formações do inconsciente determinam para que exista psicanalista. Ou seja, como se dá a transmissão dessa prática.

Lacan fala da psicanálise em ato, o que requer a elaboração de sua lógica. Ressalta a importância de se estabelecer uma diferença entre o fazer e o agir referente ao ato psicanalítico.

O ato psicanalítico é um conceito original introduzido para dar conta do que seja uma análise e de como acontece o processo em que um analisante possa se tornar um psicanalista. E para falar sobre qual seria o estatuto do ato psicanalítico.

Ele começa o seminário dizendo que o termo “ato psicanalítico” é um estranho par de palavras que não tinha sido utilizado até então por ninguém.

O termo igualmente duplo “ato sexual” já foi trabalhado no seminário anterior e tem a mesma dimensão que representa o ato psicanalítico. Diz que a psicanálise, supõe-se, que faz alguma coisa. Para falar da função do ato, é preciso falar que o fazer psicanalítico implica profundamente o Sujeito. O inconsciente, esse sujeito, na psicanálise, está colocado em ato.

O sentido que a palavra ato tem, é de um franqueamento. Que é algo da ordem da transposição, do desimpedimento, da autorização. É certo que encontramos o ato na entrada de uma psicanálise. A

decisão de fazer uma psicanálise merece o nome de ato. Decisão essa que implica certo engajamento.

Questiona se o ato analítico seria a sessão, a intervenção, a interpretação ou até mesmo o silêncio. Diz que não se pode situar o ato na referência da motricidade e nem da descarga. Ressaltando que a psicanálise implica de uma dimensão inteiramente outra.

Será que esse campo que a psicanálise organiza existia antes? Não há como contestar que o inconsciente fizesse sentir seus efeitos antes do ato de nascimento da psicanálise. Isso nos leva a questão do saber. Mas o saber não é conhecimento.

A constituição paradoxal do ato psicanalítico é feita disso: de alguém que possa fundar uma experiência sobre pressupostos que ele mesmo ignora profundamente. É uma ignorância relativa aos próprios pressupostos estruturais da instalação da experiência.

Lacan insiste que seu discurso se dirige essencialmente aos psicanalistas. E que aos psicanalistas há algo de tenso. E é disso que se trata quanto ao ato psicanalítico. O que se passa com os que o praticam esse ato, é isso que os define, que, por um tal ato sejam capazes. Capazes de tal forma que eles aí possam se colocar, como se diz em outros atos, como profissionais.

Desse ato, a medida que se faz dele profissão, resulta uma posição da qual é natural se sentir assegurado pelo que se sabe, pelo que se guarda de sua experiência. Da natureza desse ato dependem consequências mais sérias quanto ao que resulta da posição que se deve manter por estar apto para exercê-lo.

Pergunta qual é a essência disso que, do psicanalista enquanto operando, é ato. Será que é a interpretação, a transferência? Qual é sua parte no jogo? Sobre isso que os psicanalistas não deixam de se interrogar entre si. Afinal, o que é um ato para o psicanalista?

A dimensão constitutiva de todo ato é uma dimensão significante. Eis aí o que é a intervenção psicanalítica: o ato. É preciso dizer do estatuto do ato como novo, que inaugura uma ética. Quer deixar muito claro que falar do ato psicanalítico, não é dar uma noção. É difícil dizer o que é. É algo como um nó em

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

torno do qual se edificam muitas coisas e delega-se toda sorte de poderes. É certamente algo extratificado e não se pode considerá-lo simples. Em um grau de maturidade é mais que respeitável. Esse respeito depende da função particular de “des-conhecimento” (expressão com um duplo sentido). O que está em jogo no ato psicanalítico é o caráter irreduzível do ato sexual a toda realização verídica.

Ao dizer “isso fala” a propósito do inconsciente, Lacan jamais quis falar do discurso do analisado. Seria melhor dizer psicanalisante. A palavra psicanalisante foi introduzida por ele e sua indicação se difundiu rapidamente por ser evidente. Pois a palavra “psicanalisado” apenas indica uma passividade nada evidente, pois o que ocorre é justo o contrário: quem fala o tempo todo é exatamente o psicanalisante. Dizer psicanalisado deixa todos os equívocos relativos ao fato de se estar em análise.

Fora do que chamou de manejo da transferência, não há ato psicanalítico. Porque a transferência é a colocação em ato do inconsciente.

O analista pode fazer daquilo que ele mesmo recolhe, nas consequências da análise, na ordem, do saber. O que interessa aos analistas é da ordem da decifração, termo que deriva da palavra cifra que é uma escrita que só pode ser entendida por meios especiais. É isso que quer dizer a análise da transferência na dimensão interpretativa. É a medida que nossa interpretação liga, de uma outra maneira, uma cadeia de articulação significativa. É disso que se trata para nós na análise, de uma retradução.

Retradução é a tradução para um novo idioma a partir de uma tradução. Seria esse então o trabalho a ser realizado em uma análise? Inicialmente fazer-se uma tradução da história vivida pelo analisado para que posteriormente a ele fosse demonstrada a possibilidade de a partir de então se escrever uma nova história?

O analisante não é algo sem dimensão, ele próprio está no interior, o sujeito como tal está já determinado e inscrito no mundo como causado por um determinado efeito de significante.

O saber, em certos pontos que podem certamente ser sempre desconhecidos, faz falha. E são

precisamente esses pontos que, para nós, estão em questão sob o nome de verdade.

A transferência se instala em função do sujeito suposto saber. Isso não quer dizer que o analisando a identifique ao seu analista. A análise da transferência quer dizer a eliminação desse sujeito suposto saber. Lembrando que não existe para a análise nem para o analista, o sujeito suposto saber. Há apenas o que resiste a operação do saber fazendo o sujeito, esse resíduo que se pode chamar de a verdade.

O ato psicanalítico essencial do psicanalista comporta algo que não é nomeado por Lacan, mas que ele esboça sob o título de simulação pela qual o analista esquece que, na sua experiência de psicanalisante, ele pôde ver reduzir-se ao que ela é, essa função do sujeito suposto saber. E ele não pode esquecer que se trata de uma simulação.

E no que concerne essa questão da verdade, é também simular que a posição do sujeito suposto saber seja sustentável porque nela está o único acesso a uma verdade da qual esse sujeito vai ser rejeitado para ser reduzido a sua função de causa de um processo em impasse. O que há de mais exitoso é esse malogro relativo ao ato.

Faz-se alguma coisa, e é dessa diferença entre o fazer e um ato que se trata. O banco no qual se coloca o psicanalisante, é o de um fazer. Ele faz algo.

A posição do analista comporta a manutenção intacta nele, desse sujeito suposto saber, embora ele conheça desse sujeito, por experiência, a queda e a exclusão e o que resulta do lado do psicanalista. Seu ato o coloca pisando radicalmente em falso em relação a essas condições prévias. E a dimensão comum do ato é a de não comportar, no seu instante, a presença do sujeito. A passagem do ato é esse além do que o sujeito encontrará sua presença como renovada, nada mais.

Se a posição do analista só se determina por um ato, ela só pode registrar-se para ele, como efeito, pelo fruto do ato e seu eco de fruição.

A entrada no mundo, dos primeiros passos da análise, foi pelo campo do lapso, do tropeço, do ato falho. E é essencial que essa referência seja sempre mantida no centro de nossa perspectiva para não perdermos o fio da meada do que se trata na sua forma mais essencial, o ato psicanalítico. Nele, o analista está

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

capturado. Há algo nesse ato de bastante insuportável, insustentável para quem se engaja nele.

Quando o ato falho é suposto, revela como aquilo do que se trata, a verdade. É dessa base que o analista parte para avançar. Sem isso não haveria nenhuma análise possível.

O ato psicanalítico designa uma forma, um pé, uma estrutura tal que suspende tudo o que até então tenha sido instituído, formulado, produzido como estatuto do ato, à sua própria lei.

A função da psicanálise caracteriza-se claramente nisto: instituindo um fazer pelo qual o psicanalista obtém certo fim, que ninguém pôde fixar claramente. A lei, a regra que circunscreve a operação chamada psicanálise, estrutura e define um fazer.

Supõe-se que esse psicanalista, cuja análise é levada a um termo, seja um fazer bem-sucedido. Interpretação e transferência estão implicadas no ato pelo qual o analista dá suporte e autorização a esse fazer.

O psicanalista é suposto ter chegado a esse ponto em que, por mais reduzido que seja, se produziu para ele esse término que comporta a evocação da verdade. A passagem de psicanalista a psicanalista é um ponto de virada dado a condição de toda competência analítica.

Um ato é ligado a determinação de um começo. No terreno do ato há uma ponta significativa e também certa ultrapassagem que se chama suscitar um novo desejo.

O ato de colocar o inconsciente especialmente ao dizer que o inconsciente é estrutura de linguagem, tem um efeito de ruptura sobre o Cogito de Descartes *Penso logo sou*.

E é a partir da consideração de Lacan de que o Cogito é um erro sobre o ser, que ele desenvolve na sua teoria a estruturação lógica do percurso de uma análise através da utilização do Grupo de Klein. Para formalizar a experiência analítica. Este grupo tem origem na matemática e possui uma função de transformação. Nele, dois elementos jogam entre si para formar um terceiro.

A estrutura de uma análise seria a mesma da construção subjetiva. Ela partiria da divisão inaugural do sujeito pela dupla negação de De Morgan (um

matemático) através da reunião de dois conjuntos porque não se pode pensar e ser ao mesmo tempo (ou eu não penso, ou eu não sou). Isso obedeceria a lógica da alienação, onde é preciso que o analisante se aliene na ideia de que o analista tem todo o saber sobre ele. Trata-se do sujeito suposto saber que nesse momento precisa ser mantido e sustentado pelo analista na entrada do processo analítico.

Essa primeira operação levaria o sujeito ao campo da pulsão, da demanda do Outro, do isso, do "lá onde isso estava", do "eu não penso". E remete a um pensar sem eu e a um ser sem eu que se situa na intersecção dos dois conjuntos onde se nega o eu. Aí está a falta estrutural do sujeito, o lugar do sujeito acéfalo da pulsão. Aí vem o sujeito da enunciação se igualar ao conjunto vazio.

Na segunda operação que se dá a partir do mesmo ponto de saída (superior direito) e vai em direção ao inferior direito, é preciso o apoio da alienação que se deu anteriormente. Ela leva o sujeito ao lugar de instalação do seu falso-ser, lugar também do "eu não sou". É onde se localiza o inconsciente, o ϕ , que é o falo imaginário relativizado, o significante da castração. Chama-se operação verdade. E possui também um estatuto lógico no qual o sujeito é suposto se alojar só depois.

A terceira operação é a transferência que também sai do mesmo ponto de partida das anteriores e se dirige ao canto inferior esquerdo. Nela o analista se coloca como eclipse, preservado no lugar de sujeito suposto saber. Para depois ser destituído desse lugar. O que se configuraria um final de análise. O discurso analítico seria um lugar de reserva, e a interpretação seria uma tentativa de preservar esse lugar.

O final de análise supõe certa realização da operação verdade através do percurso completo desse tetraedro. O sujeito instalado em seu "falso-ser" lhe faz realizar algo de um pensamento que comporta o "eu não sou", onde de uma forma cruzada e invertida ele reencontra seu lugar mais verdadeiro na forma do "lá onde isso estava", ao nível do "eu não sou" que se encontra nesse objeto a. Chega na falta que desde sempre se define como a essência do homem e que se chama o desejo, mas que nesse final se traduz por essa coisa não somente formulada, mas encarnada, que se

Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

chama a castração. É isso que foi etiquetado com a letra -φ. É aí onde se inscreve a hiância própria ao ato sexual.

O sujeito depende dessa causa que o faz dividido e que se chama objeto a. Seria preciso que ele se colocasse na consequência dessa perda, a que constitui o objeto a para saber o que lhe falta. O fundamento do conceito de final de análise é essa articulação muito precisa entre falta, perda e causa, onde deve ficar claro o que se perde. É o próprio sujeito no seu “pseudo-ser” de a que se perde para se tornar causa.

No final da análise há a queda do sujeito suposto saber e sua redução ao advento desse objeto a, como causa da divisão do sujeito que vem em seu lugar. E o analista é aquele que fantasmaticamente joga a partida com o analisante a respeito do sujeito suposto saber. E é o analista que vem ao termo da análise suportar não ser mais nada que este resto de coisa caída que se chama objeto a. Ele não é o objeto a, apenas opera como objeto a. Esse é o desser do analista. Ele se tornou a verdade desse saber, uma verdade incurável. E o analisante chegado ao fim da análise no ato que o leva a tornar-se o psicanalista, só opera uma passagem no ato que recoloca em seu lugar o sujeito suposto saber.

No início o ato analítico funciona com o sujeito suposto saber falseado. E no fim da análise ele é reduzido ao “não estar aí”, característico do próprio inconsciente, essa descoberta faz parte da mesma operação verdade. Somente daí se possa proceder a uma ressurgência do ser. O ser tal como pode surgir de qualquer ato que seja, é ser sem essência como são sem essência todos os objetos a. É o que os caracteriza. Como sujeito suposto saber no final da experiência analítica é um sujeito que não está no ato.

O analista inclina o pensamento de sua prática no sentido da dialética da frustração pois ele mesmo se apresenta como substância da qual ele é jogo e manipulação no fazer analítico. Ele é apenas pivô e instrumento dessa experiência. O analista sabe que o traçado, o vetor, a operação do ato psicanalítico deve reduzir esse sujeito à função de objeto a.

O ato psicanalítico produz a refundação do sujeito e reproduz a descoberta freudiana do

inconsciente. Não há psicanalisado, só há “tendo sido psicanalisante” no que só resulta um sujeito advertido de que isso em que ele não poderia pensar é constituinte de qualquer ação sua. Ele não acredita mais no impossível.

E a respeito da colocação de Lacan de que não há formação analítica, ele explica que porque da análise se extrai uma experiência, a qual é totalmente errôneo, que qualifiquemos de didática. Não é a experiência que é didática. Após uma experiência analítica que implica certamente a conquista de um saber, daquilo que se pode abordar desse saber que está aí antes que nós o saibamos, a saber, o inconsciente, o sujeito após uma análise pôde aprender por que truque isso se produziu. É somente nesse sentido que uma análise é didática.

Ou seja, a relação do analista com o ensino e a transmissão da psicanálise não é evidente e parece até antagônica, na medida em que está em jogo o ensino de um saber cuja verdade ultrapassa o psicanalista e o divide enquanto sujeito. Assim, tanto na posição daquele que ensina como na daquele que é ensinado, é sempre na posição de \$ que o analista como analista pode sustentar a função de ensino. É na posição de \$ que encontramos o modo apropriado para introduzir as perguntas sobre o que seja o fazer analítico e como alguém pode aprender isso e se autorizar nesta prática. Requer-se que o ser de cada um, ou seja, suas formações inconscientes estejam em jogo. O lugar do psicanalista de modo algum se situa fora do inconsciente e de suas formações, e é nesse sentido que Lacan insiste que sempre falou apenas nas formações do inconsciente.

A psicanálise em sua essência se realiza apenas na transmissão do psicanalista ao psicanalisado com fins de psicanálise.

E é preciso que cada psicanalista reinvente o modo pelo qual a psicanálise pode durar, conforme aquilo que conseguiu retirar do fato de ter sido um tempo psicanalisante.

Um ato só será verdadeiramente psicanalítico se trouxer consequências.